

Adolescência: eclipse da novela borromeana

Taciana de Melo Mafra¹

Não é muito comum que os analistas se debrucem diante das questões sobre o humano, tomados numa perspectiva onde o campo das articulações tenha como acento o plural.

Freud, atravessado por suas inquietações, interrogou-se sobre a constituição do humano, demarcando um ponto de mirada absolutamente revolucionário até então e admitindo a imperiosidade de uma singularidade que, na exigência da civilização, produz mal-estar. Desta forma, ele estava afirmando o que viria a ser uma grande balbúrdia, pelo menos durante uma longa década, até que se pudesse começar a negar ou capitular a isto que se revelava nesse tempo, a saber, o desejo inconsciente.

Este desejo para Freud e para todos os que vêm depois dele, estará, a partir de então, entendido como sexual. Mas o sexual em Freud afasta-se de uma significação referida à genitalidade. Isso foi e é algo bastante estonteante, tornando-se imprescindível percorrer os caminhos freudianos que levaram a esta afirmação recorrente à singularidade.

Sexualidade, para Freud é, na verdade, o tecido do humano, aquilo que se perverte da ordem natural, no ponto em que esta naturalidade concerne a um compasso harmônico entre a necessidade e seu objeto. E este tecido, sabemos com Lacan, é traçado de linguagem e estampado pelas leis que a regem.

Se partirmos desses pressupostos, logo de saída nos daremos conta do quanto estamos diante de questões problemáticas e poderemos entrever por quais razões a Psicanálise é o campo do singular, que dista, com a subversão freudiana, da abordagem do indivíduo.

A Psicanálise debruça-se sobre o sujeito do inconsciente, dividido, cindido na rede significante. Uma abordagem como esta é radicalmente distinta do que, por outro lado, sabemos, institui-se com um grande número de circunscrições que procuram encontrar respostas que suturem as dificuldades e mazelas do homem.

Desde o “Projeto para uma Psicologia Científica”, de 1895, a questão ética circunscrita por Freud está apontada na via do que erige o humano em sua condição de desejante, como consequência de uma falta.

A natureza do objeto do desejo em seu enigma nos interroga insistentemente, porque tal ou qual objeto é capaz de responder ao desejo de um, estabelecendo a radical singularidade.

Essa “Ética do desejo” assistimos retratada na inesquecível obra de Visconti: “Morte em Veneza”, onde o protagonista se vê às voltas com a paixão por um objeto inusitado ao seu complexo construto racional e intelectual.

¹ Analista, membro-fundador da instituição de Psicanálise Traço-Maceió em Maceió-AL.

É por essa razão que Freud comparava as incursões humanas, no sentido dos desbravamentos do mito de origem, com a Arqueologia, lembrando-nos, no entanto, da impossibilidade do acesso a “Toda” a verdade, visto que este trabalho é contido, por sua natureza, no encontro com lacunas impreenchíveis.

Freud escreveu sobre a reelaboração, apontando a perspectiva da história enquanto reinvenção da narrativa. O trabalho analítico acompanha o sincopado desta narrativa calcado no trilho da transferência, que conduz à revelação dos arcanos do sujeito, através dos textos dos sonhos, dos lapsos, dos chistes e dos sintomas.

Esta é uma via na contramão de um dimensionamento funcionalista, que busca as adequações da função. A leitura estruturalista que Lacan faz da obra freudiana instrumentaliza o manejo das questões postas pelo discurso psicanalítico e estabelece o rumo epistêmico do tratamento da singularidade, escapando aos equívocos da leitura de Freud que reduzem seus achados ao reinado da significação.

A modernidade é proponente de um tratado sobre os problemas humanos que conjuga, na busca do êxito, a interdisciplinaridade, o holismo dukheimiano, fazendo a aposta na efetuação da pluralidade. Ora, isso promove uma incidência do Real pelo esgarçamento das operações simbólicas, que, na carência do significante, faz mergulhar na angústia.

A despeito disso, o lugar em que se instala o analista nas operações de uma análise exige-lhe, como efeito, constantes endereçamentos da clínica às alteridades e aos pares, diante dos quais é possível articular as inquietações que daí resultam. Entre tantas interrogações e consequentes desdobramentos das questões e dos estudos produzidos nesse circuito pelos analistas, revelam-se e compilam-se elementos imprescindíveis.

A clínica nos defronta com algumas questões que se renovam com persistência, entre as quais estão aquelas que nos fazemos em nossa acolhida de demandas para análises de adolescentes.

Mas o que podemos situar, com a Psicanálise, sobre esse signo conhecido na cultura como “adolescência”?

Na verdade, imediatamente, com Freud e Lacan, a partir daquilo que a Psicanálise pela via de suas letras nos ensina, o que é possível situar é que há um aporte de operações fundamentais para o resultado das estruturas clínicas, de um não puro acaso nas apostas da trama edípica. Este aporte relaciona-se na diacronia com um certo tempo em que a engrenagem sexual se sublinha.

No entanto, dessa diacronia a Psicanálise só se ocupa quando de seu cruzamento pelo eixo sincrônico, determinante das surpresas movidas pelos significantes predeterminados, tal como nos demonstra Lacan em seus estudos de lógica moderna.

Em última instância, trata-se de um movimento discursivo onde está envolvida uma gama ímpar em torno do desejo.

Sabemos que a escuta do significante, circunscrita na transferência, compõe o mapeamento de um território topológico que portará sempre a obscuridade inescapável da condição humana.

Essa constatação afirma que se há sempre algo inacessível da verdade do sujeito, uma certa insuficiência simbólica. Então escapa à Psicanálise a possibilidade de admitir que, no que diz respeito ao inconsciente, seja pertinente apontar que o que quer que entre no jogo de uma análise possa, por si só, determiná-la.

A análise é marcada por uma recorrência constante ao estrutural, tomando portanto a conjuntura como elemento de uma complexa malha languageira. Tais elementos engrenam-se nesse trilho da estrutura, no qual se inserem e constituem a parcialidade com a qual lidamos todo o tempo nas análises.

É assim que parece ser possível formular esta questão, reconhecendo que há algo demarcado, um conjunto de operações ordenadas que se impõem à análise dos adolescentes, ainda que não se alterem os conceitos que suportam a técnica analítica. Estas operações atravessam as análises e erigem interrogações que impõem ser percorridas com rigor, para que se elida o risco de psicologizar as operações fundamentais transcorridas no circuito edípico, em seus tempos lógicos.

A adolescência é uma injunção no corpo que efetiva a possibilidade da procriação. Mas como acompanhar a subjetivação que daí se depreende?

Estamos diante da repetição em sua forma mais expoente, que um corpo reproduza outros corpos, que nessa via se estabeleça o eterno porvir das filiações.

Este é um ponto onde se produz uma remetência à morte nas circunvoluções da trama edípica. Se no Édipo o desejo de morte erige como representações pai e mãe, deste lugar de possível paternidade ou maternidade haverá sempre uma ausência de representação que insiste, o Real da morte interceptando o Imaginário no campo dos ideais.

A álgebra que aí se perfaz compõe uma posição especular, que faz bascular a pergunta dirigida ao Outro: “Que queres?”

Encontra-se nesse tempo diacrônico uma repetição, onde o sujeito toma uma posição supostamente simétrica nessa consecução. Simetria, que convém lembrar, será sempre dessimetria, já que desde a constituição do sujeito na fase do espelho, como Lacan nos ensina a pensar, o que haverá é uma inversão da imagem na qual o sujeito se reconhece.

Esta posição não escapa ao jogo das demandas nele contidas, e como para isso não há correspondência possível, o que se esboçará nesse lugar será sempre da ordem de um sismo narcísico que, em última instância, é um elemento da subjetividade que as análises atravessam, tecendo pontos a serem reconhecidos como a marca da diferença, no compasso do tempo do significante.

Mas as operações que se inauguram neste intervalo de tempo, de lógica singular na combinação significante, concernem fundamentalmente ao que Lacan demonstra em seu Seminário sobre “A Transferência”, a propósito do circuito da pergunta: “Que sou eu?”.

A incoação significativa articulada como efeito dessa pergunta é inscrita a partir do corte que cinde, pelo movimento fugidivo, a resposta: “deixa-te ser.”

A este “deixa-te ser” podemos acrescentar, segundo desejo, ou seja, deixa-te ser segundo desejo, o que repercute no nível do Outro, tal como a experiência analítica pode formular, reverberando o “Che vuoi?”.

Diz-nos Lacan que é aí que intervém a falta de significante, algo mortífero que encontra no objeto da fantasia um termo para regular o nível do gozo.

Então, como seria possível que esse eclipse da posição do sujeito com o Outro encontre seu sentido? Justamente na barra do Outro que faz declinar este “que queres?”, forjando, com uma operação simbólica, a subjetivação do sujeito.

Desta maneira, não resta dúvida quanto à assertiva de que o destino da lógica encontrada na diacronia da adolescência seja conferir a estrutura borromeana anodada pelo “sinthoma”.

A consistência que o “sinthoma” confere à operação que com ele se cumpre articula-se a partir do confronto com a ausência de significante quando de sua convocação ao Φ do falo. Esse símbolo, único possível à Psicanálise, segundo decanta Lacan em *A Transferência*, é em torno do qual a gravitação inconsciente faz solapar um objeto perdido jamais encontrado realmente.

No entanto, lá no Outro é que se estabelece o Φ , cunhagem do ideal cambiável em representações metaforonímicas tributadas pela castração, que apresentam seus efeitos em sua elaboração pela via do Imaginário.

Este desejo, ou melhor, presença do desejo na forma do grande Φ , determina o rumo da estrutura como produtor da cadeia significativa, mas significante que não simplesmente faz signo para alguém, e sim que no rumo da mola significativa faz signo de alguém, “*fazer com que o alguém para quem o signo designa alguma coisa, este signo o assimile, que o alguém se torne, ele também, este significante.*” (Lacan, 1992[1960-1961]:258).

É dessa forma que se erige o sujeito, advindo enquanto termo entre dois significantes, do resultado da trama identificatória que se especifica na adolescência, conquanto inaugure, neste tempo lógico, o ultrapassamento de um gozo ideal, que se monta às expensas do sentido e oblitera o trilho desejante.

Fazer circular o “Que queres?” numa torção que a posição de quem interroga se altera, se inverte, é o resultado de um eco que se faz entoar nesse eclipse da adolescência, sombra da potência das posições de pai e mãe, que tem como vicissitude se decompor em outros significantes.

Este eclipse não é mais que sombra do que se processa na lógica de borracha borromeana, onde se atrela, a estrutura com o movimento das interseções entre Real, Simbólico e Imaginário que articulam a adolescência, enquanto especificidade da gravidade na ordenação decorrente dos complexos ideais.

É por este caminho que Lacan dedica, no seminário “Le Sinthome”, uma atenção especial a “Retrato do artista quando jovem”, de James Joyce, extraindo daí, magistralmente, uma metáfora que serve na íntegra como edifício teórico para a arguição das operações que efetivam com o “sinthoma”, a estrutura, sublinhando a subversão da língua, o declínio da divindade e as tomadas topológicas que como que interrogam: “Que lugar?”.

A essa pergunta, exergo de Joyce responde:

“Não confiava na turbulência e duvidava da sinceridade de tal desenvoltura, que lhe parecia mais ser uma triste antecipação de virilidade. A questão de honra ali levantada era para ele, como todas as demais, sem importância. Enquanto o seu espírito tinha estado a perseguir inatingíveis fantasmas, disso só lhe advindo e resolução, ouvia à sua volta as vozes constantes de seus pais e de seus mestres, concitando-o a ser um cavalheiro acima de todas as coisas, concitando-o a ser, acima de tudo, um católico. Verdade era que essas vozes soavam falso, agora, em seus ouvidos. Quando o ginásio fora aberto ouvira uma outra voz concitá-lo a ser forte, varonil e sadio, e quando o movimento de renascimento nacional começara a se sentir no colégio, ainda outra voz o tinha conclamado a ser sincero para o seu país e a ajudar a levantar sua língua e sua tradição. No mundo profano, como previra, uma voz mundana conclamá-lo-ia a soerguer a condição decaída do pai mercê de seus labores; e, nesse ínterim, a voz dos seus discípulos concitava-o a ser um aluno distinto, a proteger os outros contra o erro, ou a livrá-los dele e a fazer o máximo para conceder dias livres para a escola. E era o clamor de todas essas vozes soando falso que o fizera parar irresolutamente na perseguição de fantasmas. Dera ouvidos a tais vozes apenas por pouco tempo e, no entanto, só era feliz quando estava longe delas, muito distante de seu apelo, sozinho ou na companhia de camaradas fantasmais” (Joyce, 1998:95).